

A IDEOLOGIA CIENTIFICISTA NA CRIAÇÃO DO MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

Roberta Soares de Melo¹
Sérgio Ricardo Fernandes de Aquino²

RESUMO: Pretendemos a partir deste trabalho abordar duas questões que fazem do mundo científico, muitas vezes, polêmico e intrigante. Dissertando sobre sua posição diante da sociedade e de sua própria postura para com o seu conteúdo, considerado por muitos como sendo “revelador”, trataremos do tema não questionado pela ciência, mas por aqueles que a rodeiam e entendem a necessidade de sua existência bem como de seus limites. Assim, ao desenvolvermos o presente trabalho, demonstraremos, na medida do possível, a relação entre o mito da neutralidade científica e a ideologia científicista e suas prováveis consequências. Não temos por pretensão buscar soluções éticas para a situação destacada, mas apenas expor a problemática relativa à muitos que fazem ciência.

Palavras-chaves: Ciência, Ideologia, Mito, Razão.

ABSTRACT: From this work we intend to address two issues that make the scientific world, often controversial and intriguing. Expounding on his position in society and their own attitude towards your content, considered by many to be "revelatory", treat the subject not questioned by science but by those who surround it and understand the need for its existence and its boundaries. Thus, when developing this work, we demonstrate, to the extent possible, the relationship between the myth of scientific neutrality and scientific ideology and its likely consequences. It is not our intention to seek ethical solutions to prominent position, but only to explain their problems on the many who do science.

Keywords: Science, Ideology, Myth, Reason

Embora reconheçamos continuidades e rupturas no conhecimento científico, não podemos deixar de considerar o desejo de um ideal científico onde a ciência seja considerada a base de toda razão, de toda capacidade para reconhecer a realidade. Assim seria ela, uma espécie de dogma, que por seus argumentos serem cientificamente comprovados, seriam verdades indiscutíveis e absolutas? Esta tendência está na absorção daquilo que é fato, ou seja, o que pode ser observado, controlado, manipulado e medido. Desta maneira, a era dos fatos expulsa a era dos mitos e tudo o que possa se relacionar à explicações fantasiosas e ilusórias do real. “*Finalmente o homem chegou a maturidade intelectual*”, diz a sociedade científicista, “*nada de mitos, superstições e magia, por que*

¹ Mestranda em Filosofia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: betafilosofia@gmail.com

² Dr. em Ciências Jurídicas. Faculdade Meridional. E-mail: sergiorfaquino@gmail.com

fora da ciência não há salvação”. Reina agora absoluta, a era da ciência, onde o que encontramos é somente uma sociedade organizada dentro dos parâmetros científicos e unicamente científicos.

No entanto, para alguns estudiosos da psicologia humana e críticos da sociedade tecnológica, a era da ciência além de conservar a consciência mítica – já que o mito é inerente ao homem – cria seu próprio mito: o mito da ciência. Este tem por pretensão acabar com todos os outros, partindo da afirmativa de que não existem mitos, só a ciência existe. Logo, podemos afirmar que a ideologia científicista cria um conjunto de ideias, princípios e valores que refletem sua visão de mundo, onde por considerarem detentores do monopólio do saber objetivo e racional, julgam-se detentores da única verdade possível. Para tratarmos mais claramente sobre a ideologia científicista e o mito desenvolvido por ela, destacamos os estudos de pensadores da escola de Frankfurt, pois uma das pretensões dos mesmos estava exatamente na elaboração de uma teoria crítica do conhecimento, que mais tarde acabou por conseguir provar que a racionalidade científica e técnica promovem um efeito capaz de converter o homem em escravo de sua própria técnica.

Assim partimos para a ideia de ideologia da dominação da técnica científica, ocorrendo uma dominação de uns para com outros, o que traz como consequência a redução da autonomia do indivíduo perante a sociedade. Adorno deixa claro que a ideologização cria laços de superioridade tanto do homem para com a ciência, como do homem para com o homem. Outro que ressaltou a problemática da sociedade científica foi Herbert Marcuse, crítico da sociedade industrial contemporânea. O mesmo acusou o falso liberalismo existente dentro da sociedade de cunho científico, como uma pseudoliberalidade, já que, o que podemos perceber é a existência de uma pré-disposição das sociedades industriais para que tudo se mantenha da mesma forma, em uma espécie de conformismo científico. Podemos observar o envolvimento com que se dá a questão da dominação do conhecimento, no sentido de uma racionalização ocidental capitalista como instrumentalização da razão; e junto a Max Horkheimer criaram a expressão conhecida como, razão instrumental ou razão iluminista, onde o sujeito do conhecimento passa a defender a tese de que conhecer é dominar e controlar a natureza e os seres humanos.

Esta definição, da chamada *razão instrumental*, permite um espaço, para que ocorra a transformação de uma ciência em ideologia e mito social. A razão iluminista demonstra a

ideia de que a partir do momento em que o conhecimento torna-se instrumento de soberania, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso à possíveis conhecimentos verdadeiros; tornando-se agora um instrumento de dominação, poder e exploração. Perde o seu valor real para o qual deveria ser administrada, consolidada e superada a cada dia; e ao passo que não desejando que seja percebida esta mudança no rumo da utilização científica, muitos cientistas, laboratórios ou nações sustentam a ideia da ideologia científicista que, através de escolas e meios de comunicação, desembocam no mito da ciência. Esta indumentária criada pelos “*donos do saber*” ou do “*poder*” para o senso comum passa despercebida, já que não se perde a ideia de que a ciência é um conjunto de verdades intransponíveis e que quando se altera uma “*verdade absoluta*” é por que uma outra considerada melhor e mais bem elaborada entra como uma nova “*verdade absoluta*”. A grande fantasia moderna funciona muito bem, quando aplicada a grande parcela da sociedade. A neutralidade científica expressa o desejo de um domínio absoluto da razão sobre a natureza e sobre o homem. O que transparece desta maneira, é que está na pretensão da ciência, estar acima de tudo e de todos se impondo como um poder, supremo e universal; e neste mesmo sentido que o desejo que suporta a ciência moderna é, de fato, o desejo da onisciência e da onipotência, o desejo de ser como Deus. O senso comum, normalmente ignora as complexas relações científicas, e tende a considerar que a ciência é somente o que está à altura de seus olhos, ou seja, os resultados de suas aplicações as quais é permitido o olhar social observar.

Desta forma, fica claro ao senso comum que a ciência tem poderes ilimitados sobre as coisas e sobre os homens, uma espécie de magia. No entanto, é necessário que haja uma investigação aprofundada da natureza deste conhecimento, um desvelamento da gênese do objeto, um questionamento de suas fronteiras, ou seja, faz-se mister uma reflexão sobre o conteúdo científico; e neste sentido cabe principalmente ao filósofo o papel de desmistificador e questionador de toda a visão realizada em uma crença não-justificada. Mais além do senso comum, onde a falta de compreensão provém em geral da ignorância em que se encontram, estão os profissionais adeptos da chamada ideologia Científicista. Estes fazem da mesma, uma espécie de religião, acreditam que por deterem o monopólio do saber objetivo e racional, julgam-se detentores do verdadeiro conhecimento da realidade. Estes profissionais crêem no progresso e na evolução do conhecimento que um dia

explicarão totalmente a realidade e permitirão manipulá-la tecnicamente e sem limites para a ação humana.

O cientificismo tem a ciência não só como base de trabalho, conhecimento e progresso para uso exclusivo do bem estar da humanidade. Tem em suas verdades a expectativa de resultados sensacionalistas, de modo a mostrar todo um “*poder*” social, político e econômico. Mas o principal problema na exposição destes resultados está no controle exercido sobre o pensamento humano. Porque surge a ideia de que existem aqueles que sabem e dominam o conhecimento, e os que não sabem e são submetidos aos que detém o conhecimento. Os primeiros são competentes e têm o direito de mandar e exercer poderes, enquanto os segundos são incompetentes, devendo sempre obedecer ao que é definido. Enfim a sociedade acaba por se dividir em dois blocos, os que mandam e sabem por que mandam e os que obedecem e nem sempre sabem porque obedecem. O que acontece é que a ideologia é um autêntico mecanismo de defesa dos interesses de determinado grupo. O objetivo da ideia é justificar este domínio exercido sobre a sociedade, apresentando o real como homogêneo e criando o mito da neutralidade científica, que foi produzido por uma elite pensante da ciência.

Desta maneira permiti-se evitar conflitos, choques de ideias e qualquer tipo de contratempo que possa interferir na legitimação científica. É interessante perceber a noção exposta sobre o domínio do conhecimento e como cada um deve necessariamente estar de um lado da balança, porque assim torna-se inevitável atentarmos para um questionamento - Seria o homem da ciência capaz de decidir quem teria o privilégio do saber e quem deveria apenas executar o que fosse ordenado? Para aqueles que crêem no cientificismo é provável que a resposta seja positiva, pois para estes, somente o homem da ciência pode promover conhecimentos consideráveis. Isto fica claro quando se observa certas normas desta que é a ideologia detentora do saber objetivo, racional e unicamente verdadeiro. Diz ela, que já que a ciência é o único saber, portanto, é só ela poderá responder a toda e qualquer questão teórica e prática, desde que seja objetiva e racional; e principalmente, que cabe aos cientistas a missão de cuidar e dirigir os negócios humanos e sociais. E envolto por toda esta “*demagogia do saber*”, que dita exatamente onde podemos encontrar as respostas para uma vida feliz e sem problemas, é promovido à neutralidade científica, que diz que os cientistas estão isentos e imunes em nome de sua racionalidade objetiva, estão isentos e

imunes de formular todo e qualquer juízo de valor, de manifestar toda e qualquer preferência pessoal e desta maneira estão isentos e imunes de responsabilidade pelas decisões políticas relativas ao uso de suas descobertas.

O mito da neutralidade científica nada mais é do que uma pura ilusão. Um cientista quando traça uma definição para seu objeto, decide usar um determinado método e espera obter determinados resultados, sua decisão não é neutra nem imparcial, mas sim feita a partir de escolhas precisas. Ali são encontrados obrigatoriamente, vestígios de sentimentos, paixões e desejos, assim não pode ser considerado como conhecimento frio e neutro que está acima de interesses pragmáticos e impressões subjetivas. Esta visão erroneamente dada de objetividade científica, apenas permite uma visão parcial do conhecimento do real, ou melhor, o que é apenas representação ou conhecimento aproximado do real, passa a ser encarado como o real em si mesmo. Não podemos desgarrar do processo científico o eu humano, o sujeito oculto que interfere e define os objetivos do conhecimento científico, há a necessidade de uma articulação no conhecimento teórico com bases sociais e históricas o que proporcionaria a humanização da ciência.

A antropologia, por exemplo, afirmou durante muito tempo que havia duas formas de pensamento diferentes observáveis e que por sua vez, tinham linhas de raciocínio diferentes - era o pensamento do homem civilizado, organizado e racional e o pensamento dos selvagens, também organizado, racional só que de forma pré-moldada. Acreditava-se que o homem civilizado era melhor em todos os sentidos do pensamento e que, assim sendo, cabia a ele auxiliar aos primitivos a seguir a cultura mais evoluída, a que era melhor, ou seja, a deles. Esta foi uma teoria apoiada em dados e leis que justificava a atuação dos civilizados perante os selvagens. Lévi-Strauss estudou o pensamento dos selvagens para mostrar que os mesmos não são atrasados e primitivos, mas que operam com o pensamento puramente mítico. O mito e o rito, considera ele, não são lendas nem fábulas, mas uma organização da realidade a partir da experiência sensível enquanto tal. O melhor caminho para se perceber a impossibilidade de uma ciência neutra é levar em consideração o modo como as pesquisas científicas são realizadas. Sabemos que muitas delas são de interesse particular e tiveram sua gênese em algum tipo de disputa ou desejo insaciável pelo domínio do “*poder*”. A sociedade em geral vê a ciência desligada do contexto das condições de realização e de suas finalidades. Eis aí mais uma vez, o mito da neutralidade científica aos

olhos da grande massa, onde a única consideração que se tem é a de compromisso com o “conhecimento verdadeiro e desinteressado” e que suas soluções são o único remédio para nossos problemas. A ideologia cientificista usa esta imagem para consolidar a neutralidade científica, mistificando a real finalidade de muitas pesquisas, que visam tentar controlar a natureza e os seres humanos de forma a alcançar seus objetivos de acordo com seus interesses.

CONCLUSÃO

Conclui-se com este artigo que é clara a noção de que existe todo um jogo de linguagens esquematizado, onde se é imposto que cada um esteja posicionado de um lado. Somos levados, de certa forma, a um condicionamento de vida, uma espécie de conformismo pensante. Os adeptos do cientificismo vivem em seu mundo idealizado, acreditando em seu poder supremo universal e o senso comum, por sua vez, se mantém com uma visão mitológica sobre a ciência. É importante ressaltar, que sempre podemos encontrar exceções em qualquer estágio do saber, isto é, o desenvolvimento científico é de suma importância para a vida dos seres humanos, tem em sua conjuntura uma gama de vertentes conscientes de seu papel para com a natureza e o homem.

É importante ressaltar que as duas perspectivas, cientista e senso comum, não representam a total realidade do mundo vigente, mas é importante que não ignoremos e não desistamos de compreender a realidade instaurada para uma possível mudança. A cada um e ao filósofo, cabe o papel de agir sobre a capacidade intelectual, onde o desejo de sair de seu lugar, de olhar para além dos “limites corpóreos” e aproximar o campo científico do mundo comum seja uma obrigação necessária para o bem de todos. Perceber que o mundo é um conjunto de ideias que permeiam no espaço e no tempo é fundamental para o esclarecimento da realidade e que depende do desejo de saber e conhecer para que a mesma se torne mais transparente e tangível. Enquanto isso a neutralidade científica continua sendo o sonho idealizado de muitos que produzem ciência. O risco que se corre é que, afinal, uma ideologia pode chegar ao ponto de se extinguir, mas o mito por natureza não morre jamais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. O desafio da ciência é filosófico.

BORDIN, L. Theodor Adorno e a teoria crítica da sociedade como filosofia de resistência.

RICARDO, J. Ciência e subjetividade.

HILTON, J. O mito da neutralidade científica. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976;

_____ e Marcondes, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. Edit. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996.